





A CULTURA JUDAICA NA LITERATURA DE ESCRITORES SEFARDITAS: glossários, festas e cerimônias¹ *THE JEWISH CULTURE IN THE LITERATURE OF SEPHARDITE WRITERS: glossaries, parties and ceremonies*

Isabella de Kássia Cordeiro BARBOSA²  

Silvia Helena Benchimol BARROS³  

RESUMO: Estudamos neste, elementos da cultura judaica em “Um pedaço de lua caía na mata” de Paulo Jacob e “Cabelos de fogo” de Marcos Serruya. “Um pedaço de lua caía na mata”, narra a história de Salomão e sua família, que busca se manter judeu frente a um ambiente culturalmente rico, lutando para não abandonar suas crenças. Já “Cabelos de fogo” é narrada a história de Hana, judia que foi trazida para a Amazônia para se prostituir. Além da prostituição, Hana precisou se adaptar a uma cultura desconhecida. Neles encontramos diversos aspectos da cultura judaica como: festividades, expressões e costumes. Descritos de forma contextualizada, construindo em uma tradução entre as culturas judaica e amazônica. Investigamos como se deu esse processo de tradução cultural. Para o embasamento teórico-histórico usamos as obras de Samuel Benchimol (2008), Reginaldo Heller (2010), Regina Igel (1997), entre outros. Aos estudos da tradução cultural, utilizaremos Peter Burke (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Cultura judaica; Tradução cultural; Amazônia

ABSTRACT: *In this, we studied elements of Jewish culture in “Um pedaço de lua caía na mata” by Paulo Jacob and “Cabelos de fogo” by Marcos Serruya. “Um pedaço de lua caía na mata”, tells the story of Solomon and his family, who seek to remain Jewish in a culturally rich environment, fighting not to abandon their beliefs. “Cabelos de fogo” tells the story of Hana, a Jewish woman who was brought to the Amazon to become prostitutes. In addition to prostitution, Hana had to adapt to an unfamiliar culture. In them we find different aspects of Jewish culture such as: festivities, expressions and customs. Described in a contextualized way, building on a translation between Jewish and Amazonian cultures. We investigated how this process of cultural translation took place. For the theoretical-historical basis we used the works of Samuel Benchimol (2008), Reginaldo Heller (2010), Regina Igel (1997), among others. For cultural translation studies, we will use Peter Burke (2000).*

KEYWORDS: Jewish culture; Cultural translation; Amazon

¹ Texto produzido no interior do projeto de pesquisa "Ecos sefarditas: judeus na Amazônia".

² Discente de Graduação em Letras Língua Inglesa – Campus de Bragança. bolsista (PIVIC/UFPA) E-mail: isabellacordeiro221@gmail.com

³ Doutora em Tradução e Terminologia pelas Universidades de Aveiro (UA) e Nova de Lisboa (UNL) – Portugal. Docente de Língua Inglesa e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes da Amazônia, UFPA-Campus Bragança. E-mail: silviabenchimol@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo estudar e compreender a cultura judaica, bem como o processo de tradução de seus elementos dentro do contexto amazônico. Ressalte-se que tais elementos, corpus do presente estudo, foram observados e extraídos das obras dos autores Paulo Jacob e Marcos Serruya, ambos descendentes de judeus sefarditas. A pesquisa foi motivada a partir do primeiro contato com esta área de pesquisa, através do ingresso no projeto *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia*⁴. Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se como ferramenta de investigação a pesquisa bibliográfica e a partir desta, foi possível refletir sobre vários aspectos da ressignificação, dentre os quais destacamos, de forma privilegiada, o processo de tradução dos elementos da cultura judaica para a cultura amazônica, como forma de transposição cultural e transmutação.

Complementarmente, foi possível compreender a história e trajetória do povo judeu de forma mais ampla historicamente, apreendendo, assim, a importância e a influência que este exerceu em nossa cultura como resultado dos processos migratórios. Neste trabalho, abordaremos mais especificamente, como esse processo se deu na Região Amazônica, lugar que para Samuel Benchimol não é apenas um espaço geográfico, ou um cenário de conflitos históricos não resolvidos, mas um lugar de encontros humanos, capaz de atrair as mais diversas etnias e grupos sociais que ao escolherem como destino, foram construindo uma sociedade nova e diferente.

As obras *Um pedaço de lua caía na mata* (1990), de Paulo Jacob, e *Cabelos de fogo* (2010), de Marcos Serruya nos fornecem o corpus de análise sobre o qual nos debruçamos nesta investigação, possibilitando-nos compreender, diversos aspectos do processo de tradução entre as culturas judaica e amazônica. Estas narrativas nos favoreceram, ainda, a compreensão das necessidades de adaptação estratégica e as dificuldades vivenciadas pelo imigrante judeu na região amazônica, além de identificar os costumes, tradições, expressões e festas típicas da cultura judaica com seus sentidos e simbologias.

Contextualização

Em decorrência das intensas perseguições sofridas ao longo dos tempos, os judeus enfrentaram diversos processos de diáspora, os quais os levaram a se estabelecer em diferentes países

⁴ O projeto de pesquisa *Ecos sefarditas: judeus na Amazônia*, é coordenado pelas professoras Alessandra Fabrícia Conde da Silva e Sílvia Helena Benchimol Barros, nos campi de Bragança e Capanema.

e regiões ao redor do mundo. Tais movimentos migratórios foram motivados, em sua maioria, pela necessidade de busca por segurança, tanto para preservar seus costumes e tradições, quanto a própria vida. Muitos judeus oriundos da Península Ibérica, mais especificamente da Espanha e Portugal, chegaram ao Marrocos e lá permaneceram por aproximadamente 300 anos. No entanto, evidenciou-se novamente a necessidade de deslocamento geográfico dados os fatores econômicos, sociais e religiosos aos quais viram-se sujeitos no Marrocos. Por estas razões, por volta de 1810 deu-se início o êxodo judeu-marroquino, período em que já se comentava a respeito da existência de uma terra que lhes proporcionaria a segurança almejada e necessária. Tratava-se de um eldorado de prosperidade, que deixaria nestes imigrantes profundas marcas de influência cultural, em sua mais ampla concepção. Como consequência da interação decorrente deste contato, muitos traços judaicos podem ser percebidos em nossa cultura até os dias de hoje.

Ao longo do século XIX evidencia-se um expressivo fluxo migratório de judeus do norte da África – *sefarditas*⁵ –, especialmente do Marrocos, rumo ao Brasil. No período em questão, o governo imperial estimulava imigrações coletivas de diversos grupos étnicos. Grande parte dos judeus que chegavam ao Brasil vinha em busca de novas condições de vida – estavam à procura do *Eretz Amazônico* – que em hebraico significa terra. Concomitantemente, neste período acontecia o *boom* da borracha, e a Amazônia tornou-se o foco de muitos povos, sendo esta uma das razões de o Brasil, em especial a região norte, ter recebido tantos imigrantes. Outro relevante motivo dessas imigrações foi o estabelecimento da liberdade de culto no Brasil, fato contrastante ao que estava ocorrendo em outras partes do mundo. Isto posto, justifica-se que o Brasil tenha se tornado um ambiente bastante atrativo a muitos imigrantes.

Sabe-se que indivíduos vivendo fora de seu ambiente originário estão, naturalmente, expostos a um processo de aculturação e, neste sentido, ao emigrar para a Amazônia, o povo judeu foi inserido em uma diversidade cultural. Regina Igel (1997) descreve a aculturação como a modificação de uma cultura através de contato com uma ou mais culturas e a aquisição ou troca de traços culturais. A aculturação era, portanto, uma realidade naturalmente vivida por estrangeiros, e no caso dos judeus, não foi diferente. Em sua obra, Igel (1997) relata como se deu este processo.

No Brasil, o processo de aculturação inclui a adaptação aos modos de vida do país, contando-se entre outras inúmeras atividades seculares, a integração a festas populares de origem não-religiosa (como um baile de carnaval, adesão a movimentos

⁵ Etimologicamente, o termo sefardita advém de “sefarad”, que se refere à Península Ibérica na língua hebraica. Estes imigrantes, chamados sefarditas, concentraram-se, em sua maioria, na região norte, nos estados do Pará e Amazonas. Em consequência disso, surgem as designações de sefardim ou sefardita para os judeus provenientes dessa região (BENCHIMOL, 2009, p. 262).

nacionais (mutirões), participação em cultos ecumênicos e celebração de datas civis. (IGEL, 1997, p. 133)

O autor Paulo Jacob, menciona alguns traços desse processo de aculturação descrito por Igel (1997). Em *Um pedaço de lua caía na mata*, o personagem Salomão revela-se inserido nos costumes e celebrações locais, deste modo, o autor evidencia aspectos de trocas culturais presentes no ambiente amazônico, como no trecho “festa bonita, carnaval animado. No salão ninguém andava. Aquele amontoado de gente medonha. E Sara nada aprendeu, nem pulava nem dançava” (JACOB, 1990, p. 64). Relatos como estes presentes na literatura amazônica demonstram que para sobreviver ao novo ambiente era necessário adaptar-se. Não se pode dizer que esta adaptação ao novo ambiente foi uma tarefa fácil, pois estavam envolvidas culturas muito diferentes. No entanto, ao verificarmos historicamente os processos diaspóricos pelos quais os judeus passaram podemos entender a capacidade de adaptação a novos ambientes descrita por Bonder (2010), em *Judeus do Eldorado*.

A identidade é como um segundo corpo para a espécie humana e sua adequação a contextos distintos implica em aptidões tal qual o ajustamento de uma nova espécie na teia da biodiversidade de uma floresta tropical. Para tal, empreendedorismo, ousadia e permeabilidade foram características fundamentais para a adaptação e integração deste grupo. (BONDER, 2010, p. 11)

Esta capacidade de adaptação que Bonder ressalta, é percebida durante a leitura da obra de Paulo Jacob, ao observar como o autor apresenta Salomão em: *Um pedaço de lua caía na mata*. O autor o descreve como um imigrante judeu empenhado em mudar de vida, porém, o desejo de manter suas tradições é ainda mais intenso e sobrepujante. Em relação a isto, Heller (2010) nos fornece uma importante contribuição.

Vindo de uma forma de vida totalmente diferente, aquele imigrante tentava adaptar-se, lutando a todo momento por não se deixar descaracterizar, ou não deixar escapar a imagem que tinha de si em termos de tradição, religião, língua, hábitos e costumes. (HELLER, 2010, p. 21)

Portanto, na obra de Paulo Jacob, constata-se que Salomão reproduz o comportamento descrito por Heller, pois ele não somente luta para se manter nas tradições judaicas, mas também se empenha em ensinar a seu filho, os preceitos do judaísmo.

Ao decidir ir para a Amazônia, Salomão tem consciência que estaria mergulhando em uma nova cultura e que enfrentaria desafios. Por este motivo, tal mudança lhe fazia inferir o alto risco da perda de suas tradições. Neste sentido, Benchimol (2008, p. 175) destaca que, “é muito difícil ser, viver e ficar judeu em qualquer parte do mundo e, sobretudo, na Amazônia”. Efetivamente, não foram raros os casos de judeus que passaram por total assimilação cultural. No entanto, atentamo-nos aos

casos de imigrantes que tiveram que criar mecanismos para manter vivas, ainda que relativamente ressignificadas, suas tradições, mesmo sob condições tão contrárias.

Neste caso, vê-se que, obstáculos que poderiam provocar o abandono das raízes judaicas, converteram-se em motivação para mantê-las, abraçar novos hábitos e vivências e ser acolhedor como uma forma de defesa. “Neste particular, o judeu sefardita demonstra maestria: ele finca novas raízes entre umbus, sapucaias e andirobas, mas de seu caule ainda verte o látex ancestral” Bonder (2019, p. 12).

E, a partir desse contato entre culturas, surgiram marcas que perduram até os dias de hoje, podendo ser percebidas na literatura Amazônica, e as quais, nos dão subsídios para compreensão da cultura judaica no ambiente amazônico, mesmo que muitas delas sejam obras ficcionais.

Tradução cultural: uma realidade do contato

Ao analisar as obras *Um pedaço de lua caía na mata* e *Cabelos de fogo*, vê-se o encontro de culturas distintas, iniciando assim um diálogo cheio de complexidade e diversidade. Desta feita, para que se estabelecesse um vínculo comunicativo e de negociação de significados entre as duas culturas, alguns elementos, expressões e festividades de origem judaica tiveram que ser traduzidos para a cultura amazônica. Peter Burke (2009, p. 14) explica a tradução cultural como “a descrição do que ocorre em encontros culturais quando cada lado tenta compreender as ações do outro”, ou seja, é o ato de transformar conceitos e experiências humanas em equivalentes em outras línguas/culturas.

Ao analisarmos as obras selecionadas para este estudo, percebemos aspectos da *tradução cultural* em diversos momentos, visto que trazem em suas narrativas elementos judaicos os quais oportunizam a conexão com o imaginário do leitor. Através das narrativas, é possível compreendermos características culturais apresentadas ao leitor por meio de diversas expressões, objetos, e costumes judaicos.

A força de vontade de viver para sempre na terra prometida, rezar debaixo de sua vinha, à sombra de sua figueira, comer quinze frutas, uva, figo, tâmara, outras mais nascidas nas terras de Israel, não esquecer a prece berah'ot. A benção ao fruto das árvores, baruh'atá Adonai elu-henu meleh'haolam, borê peri-haets. Bendito sejas tu, Senhor nosso Deus, rei do universo, que criou o fruto das árvores. (JACOB, 1990, p. 118)

As características da cultura judaica às quais nos referimos são apresentadas de forma contextualizada, materializando a possibilidade da construção de significados através da leitura. Em suma, por meio das obras literárias conhece-se a história e a adaptação entre povos em contato. O

autor também retrata a questão relacionada à alimentação judaica, explicitando as mudanças que estavam ocorrendo a exemplo do personagem Salomão, em *Um pedaço de lua caía na mata*, quando menciona os alimentos comumente consumidos por judeus, em oposição aos alimentos existentes na Amazônia. Manifesta-se de forma inequívoca, mais uma vez, o processo de adaptação do imigrante. Outra característica relevante nas obras foi o uso da transliteração, fator fundamental nesse processo de compreensão do *Outro*. Ao transliterar uma palavra, substitui-se o sistema de escrita de uma língua para outra. A ocorrência da transliteração do alfabeto hebraico para o alfabeto latino, e sua utilização se conecta com os outros aspectos tradutórios destacados nos textos, e mesmo que os termos transliterados não forneçam significados de forma isolada, o autor os utiliza de forma contextualizada na narrativa.

A cultura judaica em evidência na literatura amazônica

Em *Um pedaço de lua caía na mata* (JACOB, 1990) conhecemos a história de Salomão, um judeu sefardita, que chega ao Brasil visando uma nova vida, que lhe garantisse liberdade, segurança e estabilidade financeira, assim como tantos outros imigrantes desejavam. Por estas razões, ele decide enfrentar o desconhecido, aventurando-se na região amazônica. A princípio, trabalhava como regatão, atividade adotada por muitos imigrantes recém-chegados. Algum tempo depois, Salomão torna-se um comerciante local, e mesmo em meio a rejeições e zombarias pelo fato de ser judeu, ele aprende o jeito amazonense de ser, porém, preservando o que para ele é a razão de sua vida: A fé na Torá e o respeito às leis de seu povo.

A partir desta breve contextualização, temos uma ideia de como se deu o processo de adaptação dos imigrantes judeus na Amazônia. Esta mudança de ambiente inevitavelmente influenciou seus hábitos. A respeito da culinária judaica, fez-se necessário inovar, pois muitas vezes os recursos tradicionais para a produção de alguns pratos típicos não estavam acessíveis na Amazônia. Em relação a isto Bonder (2010, p. 11) refere que “o alimento amazônico tomou o lugar do ingrediente originalmente judaico”. A afirmação de Bonder é constatada em *Um pedaço de lua caía na mata*, quando Jacob (1990) descreve, “Deixar de comer carneiro, cabrito, alimentos do hábito da terra. Peixe no almoço, peixe no jantar, correndo rios na força do remo. Bejucica, tapioca, macaxeira, cará, batata-doce, fruta-pão, o café da manhã” (JACOB, 1990, p. 25)

Desta forma, vê-se que na falta de um elemento próprio do judaísmo, é possível, e estratégico, adaptar-se às novas condições. No que se refere aos processos de adaptação, a escritora

Bella Jozef (2009, p. 190) faz uma reflexão realçando a importância desta característica judaica de se reinventar ao afirmar, “vejamos de que maneira temos força suficiente para incorporar e tornar próprios, dentro de uma identidade judaica clara e forte, elementos de fora que não possam diluir a identidade, mas que se tornem parte dela”.

O autor também criou mecanismos que permitiram ao leitor compreender elementos da cultura judaica presentes na narrativa, de forma que, durante a leitura da obra os significados foram construídos sem grandes dificuldades, considerando-se que o autor o fez de forma contextualizada. Esta característica pode ser notada em diversos trechos da narrativa.

A família obedecendo a lei de Moisés, filho desgarrado, não cumprindo o dever de Judeu, quietado em casa, fazendo o *arbit*, oração de reza nessa hora, obedecer a torá, sexta-feira à noite acender duas velas, que disse ontem se deu, primeiro a *hamotsi*, a bênção do pão, depois mais o *kidush*, a bênção do vinho, provar o pão, o vinho, começo religioso de sábado e filho ausentado de casa” (JACOB, 1990, p. 8)

Esta característica é recorrente em toda a obra, tornando-a um verdadeiro dicionário judaico. Além dos pontos mencionados anteriormente, outra questão importante é a linguagem utilizada pelo autor – bastante próxima da linguagem usada na região onde a história é retratada. A utilização de expressões locais é comum no decorrer da obra. Palavras como: *curumim*, *cunhatã*, entre tantas outras, são usadas por diversos personagens da narrativa, inclusive por Salomão: “Só esse já é um pedacinho, seu Salomão? Vai levando até mais, por ser boa freguesa, cunhatã responda não se pode perder como da outra vez, o negócio é vender, perdendo mas vendendo, hoje se perde, amanhã se tira o ganho”. (JACOB, 1990, p. 10)

Desse modo, *Um pedaço de lua caía na mata*, além de revelar significados de termos da língua hebraica e/ ou da cultura sefardita, também apresenta o perfil do imigrante, que sendo judeu, não se opõe à cultura local aderindo a alguns costumes, porém, sem se deixar assimilar por completo.

Em *Cabelos de fogo* de Marcos Serruya (2010), é retratada a trajetória de Hana, uma moça judia, oriunda da Polônia e que foi envolvida em uma organização criminosa ao ser trazida para a Amazônia para prostituir-se. *Cabelos de fogo* descreve a exploração sofrida por um grupo de mulheres judias, a qual não teve origem no antissemitismo, mas observou-se decorrer de seus próprios irmãos de fé, que estavam em busca de solucionar os problemas causados pela crise financeira que os afetava. Grandes dificuldades e perseguições sofridas pelos judeus são narradas na obra, em meio às suas necessidades de sobrevivência. Em Varsóvia, um grupo de jovens reuniu-se, buscando uma forma de sair da miséria que ora vivenciavam, no entanto, todas as suas opções anularam-se frente à Torá, de forma que eles decidiram que suas prioridades seriam obter o mínimo de sustento para sua

sobrevivência. Desde aquele momento, o lucro viria sempre antes da moral, e em pouco tempo aquele grupo passou não apenas a descumprir a Torá, mas também a cometer alguns delitos.

Decidiram então que o principal era a *parnusse* (o sustento) e o que deve ser a maneira correta de agir ficaria em segundo lugar, o lucro ficaria sempre acima da moral em sua organização. Da falta de moralidade ao crime é só um pequeno passo, dessa forma, logo aquele pequeno grupo estava envolvido em uma série de pequenas ações ilegais esporádicas e de pequena monta. Especializou-se em contrabando de cigarros, bebidas alcoólicas e falsificação de documentos. (SERRUYA, 2010, p. 35)

Desta forma, através da narrativa, percebe-se que, a ida de Hana para o Brasil não se deu como consequência do antissemitismo, mas resultou de uma sequência de atos criminosos que culminaram não apenas na prostituição que lhe foi imposta, mas também na adaptação a uma nova cultura com a qual teria que interagir e aprender. No decorrer da leitura, assim como em *Um pedaço de lua caía na mata*, percebe-se que o autor descreve este processo, explicando ao leitor algumas expressões e festividades típicas do povo judeu, contextualizadas de forma que o leitor compreenda o significado de alguns termos mais facilmente. Esta característica da obra pode ser percebida em diversos trechos e, através da leitura do livro, percebe-se o quanto essa ferramenta é importante, pois muitas foram as festividades, costumes e expressões de felicitações e saudações tipicamente judaicas mencionados na narrativa, como o *Kidush*, *Mazal tov*, *Lechaim*, entre tantas outras. A exemplo disso, podemos destacar um trecho da obra em que o autor Marcos Serruya descreve o casamento de Hana: “assim que o noivo quebrou a taça com o pé direito, os convidados ergueram os copos de vinho e brindaram: *Mazal tov* (Boa sorte) que tenham uma vida feliz e muitos filhos!” (SERRUYA, 2010, p. 29). Nesse trecho, vê-se que as contextualizações feitas pelo autor não apenas constroem significações de termos desconhecidos pelo leitor, mas também descrevem costumes próprios do judaísmo, neste caso em particular, o casamento judaico.

Em conclusão a esta breve reflexão que toma como objeto as duas obras literárias, percebemos que muitos foram os elementos judaicos descritos de forma contextualizada nos âmbitos social, religioso e econômico, que possibilitaram evidenciar o papel de importância que a literatura revela para a compreensão dos processos históricos caracterizados, por exemplo, pelos processos migratórios e os efeitos do contato entre povos. Para além disto, desponta a tradução cultural como mecanismo de ressignificação e de sobrevivência.

Referências

- BENCHIMOL, Samuel. **Eretz Amazônia: Os judeus na Amazônia**. Manaus: Valer, 2008.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Formação social e cultural**. Manaus: Editora. Valer, 2009.
- BONDER, Nilton. Apresentação. In: **Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. p. 11-12.
- BURKE, Peter., & HSIA, R. P. **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: *Unesp*, 2009. P. 14
- HELLER, Reginaldo Jonas. **Judeus do Eldorado: reinventando uma identidade em plena Amazônia**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010. P. 21
- IGEL, Regina. **Imigrantes judeus, escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira**. São Paulo: Perspectiva, 1997. P. 133
- JACOB, Paulo. **Um pedaço de lua caía na mata**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1990.
- JOZEF, Bella. **O olhar judaico: memória e testemunho**. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 190. ISBN: 978-85-7982-018-2. Disponível em <http://books.scielo.org/search/?lang=pt&index=tw&where=BOOK&q=Identidade+e+cidadania%3A+como+se+expressa+o+juda%C3%ADsmo+brasileiro&filter%5Bpublisher%5D%5B%5D=> .Acesso em 30/ABR/2020
- SERRUYA, Marcos. **Cabelos de Fogo**. Edição do Autor. Belém. 2010.

Como citar este artigo:

BARBOSA, Isabella de K. C.; BARROS, Silvia H. B. A cultura judaica na literatura de escritores sefarditas: glossários, festas e cerimônias. **Revista Narrares** – V.1, N.1, Jan-Jun, 2023, pp. 21-29.